



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIA ERILENE SILVA

DA AMBIVALÊNCIA MATERNA À AUTOTRASCENDÊNCIA: Uma reflexão
sobre o sofrimento materno a partir da Logoterapia.

Icó – CE

2021

MARIA ERILENE SILVA

DA AMBIVALÊNCIA MATERNA À AUTOTRASCENDÊNCIA: Uma reflexão sobre o sofrimento materno a partir da Logoterapia.

Monografia submetida à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Esp. Rebecca Pinheiro
Sedrim

Coorientador: Me. Daniel Rubens
Santiago da Silva

MARIA ERILENE SILVA

DA AMBIVALÊNCIA MATERNA À AUTOTRASCENDÊNCIA: Uma reflexão sobre o sofrimento materno a partir da Logoterapia.

Monografia aprovada em ____/____/_____, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim
Orientadora

Me. Daniel Rubens Santiago da Silva
Coorientador

Prof. Esp. Erick Linhares de Holanda
Avaliador

Prof. Esp. Lucas Ledo Alves
Avaliador

Icó – CE

2021

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu filho Joaquim Rafael, razão da minha escrita e fonte de autotranscendência frente aos sentimentos ambivalentes do meu ser mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Virgem Maria, meu porto seguro e auxílio em todas as necessidades.

Aos meus pais, minha base, por todo amor, esforço e dedicação para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu esposo, Francisco, meu amor, por me ajudar a conciliar os estudos e a maternidade, por me ensinar a levar a vida com mais leveza.

Ao meu filho Joaquim Rafael, que me inspirou esse trabalho e por seus lindos sorrisos sempre a iluminar meus dias.

À minha orientadora Rebecca Sedrim, pelas orientações, pela sensibilidade e acolhimento das minhas circunstâncias de ser mãe e estudante.

Ao meu coorientador Daniel Santiago por sua generosidade e seu olhar logoterapêutico sempre a me apontar possibilidades quando eu já não enxergava nenhuma.

Às minhas amigas e rede de apoio, Paloma, Jarlene e Ir. Sofia, por serem presença neste momento tão necessário.

À Kariny Patrício, por suas contribuições, pela sua gentileza e por sua disponibilidade para ouvir minhas angústias.

À Amábile e Catiane por me trazerem calma nos dias em que as preocupações me paralisavam.

Aos amigos Alex, Rivânia, Denise, Gleiciene, Vitória e Moema, pela agradável companhia, que tornou essa árdua jornada um pouco mais leve.

EPÍGRAFE

“esta autotranscendência do existir humano consiste no fato essencial de o homem sempre ‘apontar’ para além de si próprio, na direção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama. É somente na medida em que o ser humano se autotranscende que lhe é possível realizar-se – tornar-se real – a si próprio” (Frankl, 2016, p. 24-25).

RESUMO

A maternidade pode ser um divisor de águas para a vida de quem a experiencia. Carregada de intensos afetos, sentimentos de alegrias, mas também de sofrimento, consequência dos inúmeros sacrifícios que se apresentam nessa experiência. A presente pesquisa pretende refletir sobre o sofrimento inerente à maternidade, sob o olhar da Logoterapia, tomando como ponto de partida o conceito psicanalítico de ambivalência materna, com vistas a investigar se a perspectiva autotranscendente da Logoterapia pode contribuir para que as mães possam lidar com o sofrimento materno. O presente trabalho trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de cunho exploratório realizado por meio de revisão de literatura. Com esse estudo foi possível observar o fenômeno do sofrimento materno sob a perspectiva da psicanálise, debruçando-se sobre o conceito de ambivalência materna, e posteriormente, sob uma ótica logoterapêutica, trabalhando o conceito de autotranscendência, com vistas a investigar se este poderia contribuir para que as mães pudessem lidar com o sofrimento presente na experiência da maternidade. Considerando as discussões presentes nessa pesquisa, observou-se que a perspectiva autotranscendente pode contribuir para que as mães possam lidar com o sofrimento inerente à experiência da maternidade, bem como, a ambivalência materna, se vivida de forma positiva, passa a ser como um degrau que leva à autotranscendência. Esse estudo mostrou-se relevante para uma maior aproximação e compreensão do fenômeno em questão. No entanto, se fazem necessárias futuras pesquisas, tendo como metodologia a pesquisa fenomenológica, com vistas a um aprofundamento e melhor compreensão do fenômeno abordado.

Palavras-chave: Ambivalência materna. Autotranscendência. Sofrimento materno.

RESUMEN

La maternidad puede ser un divisor de aguas para la vida de quien la experimenta. Cargada de intensos afectos, sentimientos de alegrías, pero también de sufrimiento, resultado de los muchos sacrificios que se presentan en esta experiencia. La presente pesquisa pretende reflejar sobre lo sufrimiento inherente a la maternidad, bajo la mirada de la Logoterapia, tomando como punto de partida el concepto psicoanalítico de la ambivalencia materna, con la vista a investigar se la perspectiva autotranscendente de la Logoterapia puede contribuir para que las madres puedan manejar con el sufrimiento materno. El presente trabajo trata de un estudio de abordaje cualitativo, de carácter exploratorio, realizado por medios de revisión de literatura. Con este estudio fue posible observar el fenómeno del sufrimiento materno bajo la perspectiva de la psicoanálisis, inclinando sobre el concepto de ambivalencia materna, y en seguida, bajo una óptica logoterapéutica, trabajando el concepto de autotranscendencia com objetivo de investigar se esta podría contribuir para que las madres pudieran lidiar con el sufrimiento presente en la experiencia de la maternidad. Considerando las discusiones presente en esta pesquisa, se observó que la perspectiva autotranscendente puede contribuir para que las madres pueden lidiar con el sufrimiento inherente a la experiencia de la maternidad, bien como, la ambivalencia materna, se vivida de manera positiva, pasa a ser como un degrado que lleva a la autotranscendencia. Este estudio se muestra relevante para una mayor aproximación y comprensión del fenómeno en cuestión. Sin embargo, se hace necesario futuras pesquisas, teniendo como metodología la pesquisa fenomenológica, con vista a un aprofundamento y mejor comprensión del fenómeno abordado.

Palabras claves: Ambivalencia materna. Autotranscendencia. Sufrimiento materno.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 GERAL	11
2.2 ESPECÍFICOS	11
3 REVISÃO DE LITERATURA	12
3.1 AMBIVALÊNCIA MATERNA	12
3.2 LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL	13
3.2.1 Dimensão Noética	13
3.2.2 Autotranscendência	14
3.3 SOFRIMENTO MATERNO X AUTOTRASCENDÊNCIA	14
4 METODOLOGIA	16
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	17
5.1 APROXIMAÇÕES	17
5.2 DISTANCIAMENTOS	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

A maternidade é um acontecimento carregado de situações novas na vida de quem a experiencia. As mudanças no corpo, os hormônios trabalhando intensamente, a privação de sono, a rede de apoio que nem sempre se tem, fazem parte da despedida de uma fase que jamais voltará e, o início de uma nova, totalmente desconhecida, do ponto de vista da unicidade de cada experiência.

Conforme aponta Behar (2018), o papel da maternidade se desenvolve desde o imaginário construído através de fatores sociais, culturais, biológicos e emocionais. A autora coloca que a formação da identidade materna se inicia muito antes da concepção de um filho, esse processo se inicia desde a primeira infância, nos vínculos cultivados entre pais e filhos, estendendo-se por toda a vida da mulher.

Veríssimo (2009) ressalta que o valor dado à relação mãe-bebê teve profundas variações no decorrer da história, tais mudanças estão diretamente ligadas a questões sócio-político-ideológicas predominantes em cada período, sofrendo também influência do discurso científico.

Ao modo que a mulher lida com a multiplicidade de sentimentos, próprios da maternidade, a psicanálise traz algumas contribuições, por meio de diversos autores, denominando esse fenômeno de ambivalência materna. De acordo com Parker (1997), a ambivalência não é uma condição estática, e sim uma experiência dinâmica de conflito ante as flutuações sentidas por uma mãe em épocas diferentes do desenvolvimento da criança, e varia de um filho para outro, a autora ressalta também que a ambivalência em si não é um problema, mas como cada mãe administra a culpa e a angústia produzidas pela ambivalência.

A Logoterapia, na sua visão de mundo, traz algumas contribuições acerca do sofrimento humano e, dentro desse aspecto do sofrimento, pode-se refletir, também aquele intrínseco à maternidade. A Logoterapia aponta através de seus pressupostos teóricos, sobre a capacidade do ser humano posicionar-se frente ao seu sofrimento, como aponta Lukas (1990), que neste caso é abordado em específico o sofrimento materno.

Esse posicionamento se daria por meio da autotranscendência. Para Frank (2005), o ser humano deve estar sempre apontado para qualquer coisa, ou qualquer um diverso dele próprio, para um sentido a realizar ou para outro ser humano a quem encontrar, para uma causa à qual se consagrar ou para uma pessoa a quem amar. Portanto, a autotranscendência se refere à capacidade do ser humano de voltar-se para fora de si, esquecendo um pouco de si mesmo e encontrar um sentido, inclusive no sofrimento.

Frankl (2016), aponta para o fato de que sofremos por algo quando nos deparamos com uma situação a qual buscamos de todo modo evitar, em uma atitude interior, “lhe voltamos as costas”, diz o autor, e assim cria-se uma distância entre o sujeito e aquilo que lhe aconteceu, uma tensão entre o fato e o que deveria ser. Desse modo, quanto mais o sujeito se esquivava de enfrentar, da maneira que pode, tal circunstância, mais ainda, esta lhe causa sofrimento.

Assim, o presente trabalho objetiva refletir acerca do sofrer que atravessa o ser mãe sob a perspectiva autotranscendente, apresentada pela Logoterapia, buscando compreender se esta pode contribuir como um modo de lidar com os sofrimentos presentes na maternidade, sofrimentos estes que são vistos sob a perspectiva psicanalítica como ambivalência materna.

Ressalta-se a relevância deste trabalho visto que foi percebido uma escassez de materiais que possam refletir o sofrimento materno sob a perspectiva da Logoterapia, e pelas contribuições que as reflexões abordadas podem trazer para as mulheres que vivem as dores e alegrias do ser mãe. A temática abordada é de interesse particular da autora pelo fato de que ao passo que se estuda sobre o assunto, também o experiencia.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Refletir sobre o sofrimento inerente à maternidade, sob o olhar da Logoterapia, tomando como ponto de partida o conceito psicanalítico de ambivalência materna, com vistas a investigar se a perspectiva autotranscendente da Logoterapia pode contribuir para que as mães possam lidar com o sofrimento materno.

2.2 ESPECÍFICOS

- Explorar o conceito de ambivalência materna na psicanálise;
- Conhecer a antropologia de Viktor Frankl, visando compreender o que a Logoterapia explica sobre sentido da vida;
- Entender o conceito de autotranscendência da Logoterapia, e refletir como este pode contribuir para a compreensão do fenômeno do sofrimento materno;

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 AMBIVALÊNCIA MATERNA

O conceito de Ambivalência é de origem psicanalítica, e possui uma vasta aplicação, podendo ser utilizado em relações diversas em que se apresentam sentimentos conflituosos. O psiquiatra suíço, Eugene Bleuler, pioneiro a falar deste conceito, considera a ambivalência em três domínios. Voluntário: o sujeito quer ao mesmo tempo comer e não comer, por exemplo. Intelectual: o sujeito enuncia simultaneamente uma proposição e o seu contrário. Afetivo: ama e odeia em um mesmo movimento a mesma pessoa (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Na perspectiva de Freud (1969), quase todos os casos em que haja uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, descobre-se que por trás do amor há uma hostilidade oculta. trata-se, portanto de uma hostilidade inconsciente. Essa ambivalência se encontra presente em maior ou menor grau, na disposição inata.

Para Winnicott (1947) o ódio está presente na maternidade, devido ao processo de adaptação da mãe ao bebê, sendo necessário que esta tolere a interferência do filho na sua vida privada. Mathelin (1999) afirma que do mesmo modo que não existem relações humanas sem ambivalências, também não é possível se conceber maternidade sem ambivalências. Para a autora, uma das principais dificuldades que as mães precisam enfrentar é a ambivalência em relação aos bebês, visto que eles são completamente dependentes delas, o que exigirá uma atenção e cuidado que nem sempre as mães se sentem dispostas a dar.

Nesse sentido, Parker (1997), uma psicanalista que se dedicou a estudar sobre a maternidade e seus atravessamentos, psíquicos e sociais, aponta como um dos fatores gerados dessa ambivalência, o estresse que surge na relação do casal com a chegada do filho, muitas vezes não trazendo a união tão desejada, mas abrindo entre os dois, um rol de queixas, que acabam por abrir feridas antigas, deixando um ou outro magoado, carente de apoio ou sobrecarregado. A autora defende ainda que a ambivalência materna diz respeito a capacidade da mãe conhecer a si mesma e tolerar a presença de traços que considere talvez um pouco longe de ser algo admirável, sendo extremamente doloroso para a mãe reconhecer que os sentimentos de ódio se encontram no mesmo lugar onde se encontra seu amor.

Melanie Klein (1996), possui em seus textos referentes a ambivalência, apontamentos bastante úteis à reflexão da ambivalência dentro do aspecto da maternidade. A psicanalista austríaca, em sua obra “Amor, Culpa e Reparação”, explica que a ambivalência materna muito diz respeito à mulher experimentar mais uma vez, os sentimentos que alimentava durante a infância em relação à própria mãe. O filho, neste caso, ocupa simbolicamente o lugar da mãe.

3.2 LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Oriundo de Viena, médico, psiquiatra e neurologista, sobrevivente de quatro campos de concentração no período da Segunda Guerra Mundial, Viktor Emil Frankl é conhecido como o pai da Logoterapia e o principal nome da abordagem em todo o mundo (NETO, 2013).

Vindo de uma formação médica, Frankl encontrou novos horizontes a partir do campo filosófico e psicológico, tendo como influência, a antropologia filosófica de Max Scheler para embasar sua visão de mundo; Martin Heidegger, Martin Buber e Nicolai Hartmann, são outros importantes autores que influenciaram o pensamento de Frankl (NETO, 2013).

Ao lançar as bases que fundamentam a visão de homem da Logoterapia, Frankl (2011) afirma que ela se sustenta sobre três pilares: a liberdade da vontade, que se está relacionada ao ato do indivíduo posicionar-se frente aos determinismos; a vontade de sentido, que se refere à motivação primária da pessoa humana; e o sentido da vida, que constitui como a visão de mundo da Logoterapia.

Sobre o sentido da vida, que corresponde à base central da Logoterapia, Frankl (2018) explica que este não pode ser respondido em termos genéricos, isso porque o sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para outro. O que importa não é o sentido da vida de modo geral, mas antes, o sentido que o sujeito encontra em um dado momento da sua existência. O sentido ocorre, portanto, como um desdobramento de possibilidades enquanto ação, consciência pré-reflexiva, vivência de valores por meio de atos noéticos, ou seja, que partem da dimensão noética do ser humano, a qual será abordada na próxima sessão. A apreensão do sentido se dá numa vivência, numa experiência relacional entre o ser humano e o mundo. (NETO, 2013).

Frankl (1989) ressalta que o sentido de uma pessoa, coisa ou situação não pode ser dado, precisa ser encontrado pela própria pessoa, não dentro dela, porque isto iria contra a lei da autotranscendência do existir humano. Esse encontrar sentido está em estreita relação com a percepção da realidade.

3.2.1 Dimensão Noética

Para Frankl, o ser humano pode ser visto a partir de três dimensões: a dimensão somática que seria o ser biológico; dimensão psíquica, que seria a dimensão dos desejos inconscientes, das pulsões e condicionamentos e, a dimensão noética, que representa o espírito humano, a vontade livre diante dos determinantes, sociais, biológicos e psíquicos (NETO, 2013).

A dimensão noética, como ressalta Lukas (1989), é a dimensão propriamente dos homens, uma vez que as outras duas dimensões (corpo e psique), são dimensões existentes

também nos animais. É na dimensão noética, especificamente humana, onde encontram-se as decisões pessoais da vontade, da intencionalidade, pensamento criativo, religiosidade, senso ético e compreensão de valor.

Assim, Frankl (1992a) não nega os condicionantes, sejam eles biológicos psíquicos ou sociais que envolvem o ser humano, mas ressalta a liberdade do ser humano de posicionar-se frente às contingências, ou seja, o ser humano não é livre de algo, mas livre para algo. Possuindo o ser humano essa dimensão noética, ele não apenas reage, mas responde, afirma Aquino (2013), e quando responde torna-se responsável pelo que será no momento seguinte, constituindo liberdade e responsabilidade como duas faces de uma mesma situação.

3.2.2 Autotranscendência

Frankl (1978) afirma que o ser humano, de fato, está sempre direcionado para algo que o transcende, seja um sentido a realizar, seja uma pessoa a encontrar. Essa atitude de transcender a si mesmo constitui a essência da existência humana.

Nesse sentido, Aquino (2013) explica que para Frankl a motivação para o sentido consiste em orientar a própria vida para além de si mesmo, para algo ou para alguém, o que é denominado autotranscendência da existência humana, que estaria em oposição ao egocentrismo. Como forma de exemplificar o movimento de autotranscendência, Frankl (2005) traz a analogia do olho: O olho não pode ver a si mesmo, senão quando se olha no espelho. Um olho com catarata, por exemplo, pode entrever como uma nuvenzinha, que é exatamente sua catarata; um olho com um glaucoma pode entrever um alo colorido ao redor das luzes. No entanto, um olho que não vê nada de si, é autotranscendente.

Em oposição à teoria da homeostase, do equilíbrio interior, Frankl (2003) aponta que a autorrealização é essencialmente um efeito colateral da plenitude de sentido, da transcendência de si mesmo. Há certa tensão “saudável” entre os valores a realizar e as condições e determinantes psíquicas, a que ele chama de antagonismo noopsíquico.

3.3 SOFRIMENTO MATERNO X AUTOTRASCENDÊNCIA

Na perspectiva psicanalítica, como destaca Parker (1997), ambivalência materna é um termo utilizado para expressar sentimentos misturados de amor e ódio em relação ao bebê, que nem sempre correspondem aos desejos da mãe, que sorri para estranhos, e não para a mãe. Esta ambivalência também está relacionada às mudanças que surgem na vida do casal, que dificilmente se adaptam a nova rotina sem grandes conflitos na relação. A autora defende ainda

que esse termo foi cunhado, provavelmente, devido à inaceitabilidade da palavra ódio, enquanto o conceito inicial levantado pela psicanálise explica que se trata de sentimentos e impulsos bastante contraditórios, relacionados à mesma pessoa.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados, é possível levantar-se como hipótese, uma alternativa de se pensar o sofrimento inerente à experiência da maternidade, a priori denominado ambivalência materna, na perspectiva psicanalítica, visto e refletido agora sob uma ótica logoterapêutica, que não pretende negar o sofrimento, mas aponta para o fato da capacidade do ser humano posicionar-se “acima dele”, conforme Lukas (1990). Para a autora, quem consegue manter-se de pé diante de um sofrimento, já está posicionando-se acima de seu sofrimento.

Esse posicionamento está relacionado ao sentido que pode ser encontrado diante do sofrimento humano, nesse caso, o sofrimento encontrado frente às renúncias e desafios próprios da maternidade, que se dá, como explica Lukas (1990), a partir da dimensão noética (também chamada de espiritual), conforme apresentado no item 3.2.1 deste trabalho; esta não se contenta com a satisfação dos extintos, mas está orientada para um sentido. Como apontado por Frankl (2019), de que o ser humano sempre indica um transcender na direção de um sentido. E somente na medida em que transcende a si mesmo, ele se realiza — quando se dirige para uma causa ou para uma pessoa.

Portanto, poderia a perspectiva autotranscendente da Logoterapia contribuir para que mães possam lidar com o sofrimento que atravessa a experiência da maternidade, que se apresenta de modo único e irrepetível em cada experiência. Essa é a questão central a qual se dedica esse estudo, e que será desenvolvida e aprofundada na segunda parte da pesquisa.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de cunho exploratório realizada por meio de pesquisa bibliográfica. Nesta abordagem, o pesquisador se foca nas nuances de sentido existente entre as unidades ou entre as categorias que as reúnem, uma vez que a significação de um conteúdo está nos seus elementos individuais e na relação entre eles (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Para Gil (2002) a abordagem exploratória objetiva fazer um levantamento de informações sobre o tema abordado, com o intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema. Severino (2016) explica que a revisão bibliográfica visa recorrer aos registros já feitos até então, sejam em artigos, livros, teses, etc. A pesquisa bibliográfica é uma revisão narrativa, pois objetiva mapear o conhecimento sobre determinada questão. Através de uma seleção arbitrária dos conteúdos, o pesquisador decide quais informações são relevantes e suscetíveis à interferência de percepção subjetiva (CORDEIRO *et al.*, 2007).

No tocante a coleta de dados, os artigos foram localizados nas bases Scielo, PePSIC, Google Acadêmico e Index - Psi, com os descritores: “ambivalência materna e “autotranscendência”. Além disso, foram realizadas consultas em livros de autores psicanalistas, autores logoterapeutas e de comentadores que abordem a temática envolvida.

Como critérios de exclusão e inclusão, adotou-se livros em português e espanhol independente do ano, tendo em vista tratar-se de conceitos abordados em obras de autores clássicos.

A análise de dados dessa pesquisa se deu, inicialmente, entendendo os conceitos de ambivalência materna na psicanálise e autotranscendência na logoterapia compreendendo como cada uma enxerga o sofrimento humano, que pode ser refletido também no sofrimento materno. Para isso, foi utilizado o método de Bardin (2011) para a análise e interpretação dos dados. Este método segue as fases de pré-análise, exploração de material e dos resultados.

Bardin (2011) explica que a pré-análise corresponde a fase de organização das ideias, com o objetivo de torná-las operacionais, de modo que possa ser desenvolvido um esquema de operações sucessivas, num plano de análise. A fase de exploração do material, trata-se da aplicação sistemática propriamente dita, do que foi decidido na fase anterior. Por fim, a apresentação dos resultados obtidos. Estes podem ser demonstrados através de percentagens, diagramas, figuras e modelos. Tendo o pesquisador à disposição, resultados significativos e fiéis, pode então, elaborar inferências e interpretações relacionadas a hipóteses previstas ou sobre novas descobertas.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme o caminho metodológico escolhido, após a fase da exploração do material encontrado, destacaram-se na pesquisa duas categorias, sendo elas: a categoria “Ambivalência Materna” e a categoria “Autotranscedência”, que serão apresentadas em aproximações e distanciamentos.

5.1 APROXIMAÇÕES

A experiência da maternidade é uma experiência singular para cada mulher. Seja para a mãe de um filho apenas, seja para a mãe de muitos. Sob o olhar da psicanálise, porém, como afirma Parker (1997), os sentimentos ambivalentes em relação aos seus filhos é algo em comum à experiência de todas as mães. Mais que isso, Benhaim (2006) defende que é importante que o amor materno seja envolvido de ódio simbólico, pois esse misto de sentimentos impede que a mãe seja como um crocodilo em cuja boca se encontra o filho, como afirmava Lacan (1992) sobre as mães inteiramente devotadas ou suficientemente boas. Para Benhaim (2004) a ambivalência é necessária na estrutura do amor materno, pois é como que um tempero que favorece que a criança se separe da mãe, do contrário essa intensa ligação a levaria a morte.

Veríssimo (2009) ratifica o pensamento da autora citada anteriormente, ao apontar em um estudo sobre a ambivalência materna em mães de crianças com alergia à proteína do leite de vaca que coloca a ambivalência materna como algo negativo, seria patologizar um conflito existente em todas as mães, ainda que elas se apresentem em intensidades variadas. Além disso, para a autora, a negação desses sentimentos conflitantes apenas corrobora com a mentalidade de uma maternidade idealizada. Num viés logoterapêutico, negar o conflito existente na relação entre mães e filhos, visto na psicanálise como ambivalência materna, significaria ignorar aquilo que emerge do biopsíquico. Para a Logoterapia, aquilo que se manifesta na dimensão física da mãe, como o cansaço, as dores, o sono; e na dimensão psíquica, sentimentos de tristeza, de solidão, de raiva, são absolutamente naturais, uma vez que na visão de homem da Logoterapia, a dimensão física e psíquica faz parte da constituição humana.

Em seu livro “A mãe dividida”, a psicanalista Rozsika Parker destaca que apesar de todo sofrimento que a ambivalência causa nas mães, a autora considera que os sentimentos ambivalentes, de amor e de ódio, desenvolvam um papel positivo e até transformador no papel da maternidade. A autora apresenta alguns relatos de entrevistas no qual as mães expressam como a ambivalência se manifesta na relação delas com seus filhos. Em alguns desses relatos percebe-se que o sofrimento causado pela ambivalência promove nas mães uma reflexão, e esta

promove a capacidade de pensar nos seus filhos e tentar compreendê-los. Uma das mães entrevistadas relata que o súbito da ambivalência fez com que ela refletisse sobre a total dependência do seu filho em relação a ela, e de como isso era esgotante para ela. A partir do momento em que a mãe permitiu-se parar para pensar sobre o conflito que vivenciava, a mãe pode chegar a um reconhecimento do quanto seu filho era dependente dela, porque necessitava dos seus cuidados. As conclusões as quais a mãe chegou, fez com que a partir de então, o choro do seu bebê não a irritasse mais como antes.

Posto isso, ainda que a maternidade seja para muitos uma matéria intocável, são reais os conflitos que a permeiam. Reconhecer e aceitar os conflitos que a envolvem, é um prelúdio para um posicionar-se diante deles. A mãe que rejeita os sentimentos hostis, logo, não pode posicionar-se frente a eles. Por conseguinte, numa linguagem Lacaniana, “engole” o filho, impedindo-o de uma separação necessária, que pode vir a privá-lo de uma possível autonomia.

5.2 DISTANCIAMENTOS

Considerando o que até aqui foi discutido sobre o sofrimento materno, visto inicialmente sob uma ótica psicanalítica através da ambivalência materna, fazendo agora uma releitura, numa ótica logoterapêutica, é possível identificar pontos nessa discussão em que as duas abordagens se afastam.

Tomando como ponto de partida aquilo que a Logoterapia postula por meio do seu principal autor, Viktor Emil Frankl, o que diverge a Logoterapia das demais abordagens psicológicas é a sua visão de homem. Esta define o ser humano como um ser tridimensional, um ser biopsico-noético. Esta última dimensão confere uma capacidade exclusivamente humana, que é a capacidade de autotranscendência, conforme foi esclarecido por Neto (2013) ao destacar dimensão noética, é aquela que permite ao ser humano a liberdade para posicionar-se frente àquilo que emerge do biológico e psíquico, conforme discutido na sessão 3.1 deste trabalho.

Desse modo, analisando o que foi exposto sobre o sofrimento materno, é possível inferir que, ao se deparar-se com o sofrimento causado pelos conflitos presentes na maternidade, algumas mães tendem ficar fixadas em si, no seu sofrimento, ao passo que outras mães conseguem, de algum modo tirar o foco de si e voltar-se para os filhos, através da compreensão de suas necessidades. Não significa dizer que as mães que não conseguem exercer esse movimento de saída de si mesmas, vivam em um estado patológico. Numa ótica logoterapêutica, as mães que vivenciam de modo mais intenso os sentimentos ambivalentes,

estas poderiam estar fixadas na dimensão do biopsíquico, mas todas possuem a capacidade (em potencial) de posicionar-se frente ao sofrimento, capacidade conferida pela dimensão noética.

Na atitude de esquecer um pouco de si mesmas, colocando as suas dores em segundo plano, e direcionando-se para os filhos, suportando-os em suas necessidades; a mãe realiza aquilo que a Logoterapia denominou de autotranscendência. Frankl (2011) explica que a qualidade essencial autotranscendente da existência concede ao ser humano a faculdade de um ser que se move numa busca para além de si mesmo. Logo, se pode inferir que a autotranscendência contribui para que as mães possam lidar com os conflitos presentes na maternidade.

A autotranscendência como lembra Martins Filho (2019), é uma elevada característica humana, que está muito além de uma submissão ao nível dos instintos. A visão antropológica da Logoterapia não nega a instintividade do ser humano, assim como não ignora que existam condicionantes, mas para além dos extintos e dos condicionantes, ela evidencia que o ser humano enquanto um ser noético, é livre para posicionar-se perante o ambiente, o social, o mundo exterior e interior, explica Frankl (2019).

Desse modo, é legítima a angústia da mãe que sofre com as dores e sentimentos conflituosos inerentes à experiência da maternidade. Porém, embora não seja possível evitar as dores e os conflitos, uma vez que estes são naturais da constituição humana, como já dito anteriormente, é possível dar a eles um sentido. Quando a mãe, de algum modo, se posiciona frente às suas dores, além de si mesma, indo ao encontro de algo que está fora dela mesma.

Após um aprofundamento nas leituras com o propósito de compreender o conceito psicanalítico de ambivalência materna e o conceito logoterapêutico de autotranscendência, percebeu-se que a ambivalência materna, expressa nos sentimentos de amor, mas também de raiva da mãe em relação ao bebê; e a autotranscendência, expressa na capacidade de superar, por assim dizer, esses sentimentos, não são conceitos excludentes, embora se trate de abordagens psicológicas distintas. Mas, fazem parte da constituição humana, assim como também foi possível observar que a ambivalência materna, se vivida positivamente, pode ser como que um degrau para a autotranscendência.

Uma mãe pode sofrer, e esse sofrer que emerge do biopsíquico pode, de algum modo, marcá-la com fortes sentimentos negativos acerca da maternidade, ou pode ocorrer ainda, desta mesma mãe sofrer, mas por conta da sua capacidade humana de decidir como age frente às suas contingências, esta pode elevar-se acima de si, em busca de um sentido para o seu sofrimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como problema central, refletir o sofrimento materno, tendo como ponto de partida o conceito psicanalítico denominado de ambivalência materna, e se a perspectiva autotranscendente da Logoterapia poderia contribuir para que as mães pudessem lidar com os sofrimentos presentes na experiência da maternidade. Observou-se que o problema de pesquisa foi respondido, ao perceber e inferir, a partir da literatura encontrada, que as mães que conseguem, de algum modo, distanciar-se de si mesmas, buscando compreender as necessidades dos filhos, estas já estão se posicionando frente aos seus sofrimentos. Foram também contemplados nesta pesquisa os objetivos específicos

Quanto aos resultados obtidos através dessa pesquisa, foi percebido que a autotranscendência, qualidade intrinsecamente humana, quando despertada, ou seja, quando a mãe consegue se distanciar do conflito existente, abre-se a possibilidade de um posicionamento, e ao posicionar-se ela já se encontra, de algum modo, transcendendo a si mesma.

Foi percebido também que para que a mãe consiga ir além de si, posicionando-se frente a raiva, a dor, o cansaço, é essencial primeiramente que essa mãe reconheça e aceite a existência desses conflitos, é necessário a aceitação de que a maternidade não é permeada apenas de alegrias. O conflito é real, porém, natural da experiência da maternidade. Desse modo, uma aceitação da ambivalência materna, não há como existir a autotranscendência.

A pesquisa evidenciou que a ambivalência materna é um aspecto importante para o amadurecimento do papel materno e para uma relação saudável entre mãe e bebê, inclusive. Embora à primeira vista o conceito de ambivalência materna denuncie um lado negativo da maternidade, lado este que as mães, de modo geral, têm dificuldade de aceitar, mas que pode tornar-se positivo quando há o reconhecimento e a aceitação do conflito.

Algumas limitações foram identificadas na realização da pesquisa como a escassez de estudos que abordassem a temática envolvida tanto no âmbito da psicanálise, quanto no âmbito da logoterapia. Para uma melhor compreensão do fenômeno observou-se a necessidade de que sejam realizadas pesquisas futuras, preferencialmente utilizando-se de uma metodologia fenomenológica, uma vez que não foi possível o uso da metodologia sugerida no momento atual, devido ao contexto pandêmico e por limitações pessoais da autora.

Os achados acima mencionados são de suma relevância para a compreensão do fenômeno em questão, especialmente porque o sofrimento materno é um fenômeno presente e frequente na sociedade atual. Apesar disso, foram encontrados poucos estudos que se dedicassem a

compreendê-lo. Essa pesquisa, porém, não visa um esgotamento do tema, mas sim, um ponto de partida para pesquisas futuras que possam proporcionar novas reflexões acerca do fenômeno do sofrimento materno.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. A. A.; **Logoterapia e Análise Existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEHAR, Rafaela Correia Rodrigues. **A maternidade e seu impacto nos papéis ocupacionais de primíparas**. 75 f. TCC (Bacharelado) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- BENHAIM, Michèle; MACHADO, Inesita. A queixa materna. **Estilos da Clínica**, v. 9, n. 16, p. 36-49, 2004.
- BENHAIM, Michèle; JANO, Isabel Bettencourt. A intimidade materna: A contribuição da psicanálise na pesquisa sobre os bebês. **Estilos da Clínica**, v. 11, n. 20, p. 72-83, 2006.
- CORDEIRO, Alexander Magno et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.**, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007.
- FRANKL, V. E. **Psiconálisis y existencialismo**. Trad. Carlos Silva, José Mendoza. México: FCE, 1978.
- FRANKL, V. E. **Sede de Sentido**. Trad. Henrique de Helfes. São Paulo: Quadrante, 1989.
- FRANKL, V. E. **Um sentido para a Vida**. Trad. Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2005.
- FRANKL, V. E. **A vontade de Sentido**. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e Sentido da Vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. 6ª Ed. Trad. Alípio Maia de Castro. São Paulo: Quadrante, 2016.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Editora Vozes, 2018.
- FRANKL, V. E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Tradutores: Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019.
- FREUD, S. Totem e Tabu: Retorno ao Totemismo na infância (1913). In:_____. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIII
- GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- KLEIN, Melanie. **Amor, culpa e reparação**. Rio de Janeiro: Editora Imago (1921-1945). 1996.
- LACAN, J. O Seminário. Livro XVII. **O avesso da psicanálise**. (1969/1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.
- LUKAS, Elisabeth. **Mentalização e saúde: A arte de viver e logoterapia**. Vozes, 1990.
- LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia: A força desafiadora do espírito**. Loyola, 1989.
- MATHELIN, C. **O sorriso da Gioconda - Clínica psicanalítica com bebês prematuros**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo Felipe. Intencionalidade, Sentido e Autotranscendência: Viktor Frankl e a Fenomenologia. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 8, n. 1, p. 21-37, 2019.
- NETO, V. B. L. Existência e Sentido: A Logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológica existencial. **Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, Ceará, v. 2, n. 1, p. 2-15, 2013.
- PARKER, Rozsika; DE LIMA, Alice Xavier. **A mãe dividida: a experiência da ambivalência na maternidade**. Rosa dos Tempos, 1997.
- PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- VERÍSSIMO, Daniela Maria Maia. **Um estudo sobre a ambivalência materna em mães de crianças com alergia à proteína do leite de vaca**. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.
- WINNICOTT, Donald Woods. **O ódio na contratransferência: 1947**. In: Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. 1982.